

*O verdadeiro lugar do nascimento
é aquele em que se lançou pela
primeira vez um olhar inteligente
sobre si próprio: as minhas
primeiras pátrias foram os livros*
Marguerite Yourcenar

Há um bibliotecário especial que se mantém, desde há muito tempo, sentado numa cadeira da minha memória. De vez em quando levanta-se e vem comigo, cá fora, "passar" na biblioteca.

Criado por Anatole France, personagem de um conto magnífico (La Chemise) ouvia, como ninguém, esse falar em silêncio, essa animação constante, esses discursos intermináveis, esse raciocínio brilhantes, essas gargalhadas, esses choros, essas tiradas inocentes, essas contestações pesadas; sentia a alegria e a tristeza, a consciência e a inconsciência, o belo e o feio, o bem e o mal; ouvia Deus, a natureza, o homem, o tempo, o número, o espaço entre o tangível e o intangível, contestando, afirmando, negando tudo. Os livros falavam, nessa Bibliothèque Royale, como falam em todas as bibliotecas de todos os tempos e de todos os lugares. Para quem os quer ouvir. Para quem lhes presta atenção. Para quem os ama.

E é esta a verdadeira memória do mundo. Porque é na "alteridade radical simbólica" que cada livro representa que se constrói o universo. Não há dois livros iguais, tal como não há dois homens iguais.

Stefan Zweig dizia que os livros são feitos para unir os homens para além da morte e nos defender do inimigo mais implacável da vida - o esquecimento. Não sei se Borges queria, de outra maneira, explicar o mesmo: apesar de suspeitar da iminente extinção da espécie humana, a sua Divina Biblioteca perduraria, perpetuar-se-ia: iluminada,

solitária, infinita, perfeitamente imóvel, armada de volumes preciosos, inútil, incorruptível, secreta...

A Biblioteca que fala, que acolhe, que vê, que ouve não é, de certeza, a biblioteca em que trabalhava o pai daquele jovem de quem Elie Wiesel falava num dos seus romances - o pai que escolhera ser bibliotecário por que gostava da solidão e do silêncio.

Entre divagações filosóficas dou comigo, às vezes, a pensar no que pensam "os outros" encontrar na biblioteca.

No meio de correrias e pressões impiedosas sobra pouco tempo, não raro, para procurar - a aventura da descoberta passa pelo despertar dos sentidos, essa predisposição para ouvir falar não é só coisa de místicos ou de visionários. Talvez um dia um outro general Stumm, como o de Robert Musil que vai à kaiserliche Bibliothek procurar o pensamento mais belo do mundo e, aterrado, descobre que precisava de 10.000 anos para ler os 3 milhões e meio de volumes, apareça, mais sensato, menos ambicioso. Não vá acontecer-lhe o mesmo que ao Autodidacta de Sartre n'A Náusea, o qual resolve iniciar a leitura de todos os livros da biblioteca, seguindo a ordem alfabética, e pára na letra N.

E que esse fantástico livro do Grande Tudo guardado na "Babeloteca" não é senão o livro do qual cada um de nós, em cada momento em que nele pegou, viu sair todos os outros eus, se reviu, se ultrapassou a si próprio, sentiu, sonhou...

Às vezes penso no Príncipe Pipo de Pierre Gripari, que se calhar ninguém conhece, mas que um dia partiu em busca do paraíso perdido para consultar na Grande Bibliothèque o livro da sua vida e fica decepcionado ao descobrir que o livro se escreve por si próprio à medida que ele vai vivendo. Surge-lhe então um rato branco (podia muito bem ser um bibliotecário) que lhe explica três coisas: o que é, é; o que foi, não volta a ser; o que há de ser, não é ainda -

pode parecer insignificante mas é nisto que consiste a sabedoria. Nenhum livro do mundo poderá ultrapassar esta realidade.

Para mim, é a sua única limitação. De resto, enquanto o homem for homem, enquanto o mundo for mundo, o livro permanecerá o espelho da alma.

Isabel Pereira Leite